

Psicanálise e gênero: um percurso arqueológico no seminário 1 sobre identidades

Gabriel Câmara Brancoⁱ 

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, Brasil

George Miguel Thisoteineⁱⁱ 

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil

Andre Gellisⁱⁱⁱ 

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, Brasil

1

Resumo

Os estudos de gênero diferenciam sexo, identidade e papel de gênero ao ponto que propõe uma desnaturalização das identidades, sejam elas sociais e até mesmo biológicas. A psicanálise possui um caminho para pensar essas questões, mesmo pertencendo a um outro campo de estudos. Assim, esse estudo qualitativo de tipo descritivo-exploratório propõe a partir da análise de discurso foucaultiana, um caminho para pensar essas questões a partir do percurso de Jacques Lacan. Retoma-se as articulações de Lacan, principalmente, em seu seminário 1 para percorrer uma proposta que dialoga com o corpo, libido, narcisismo, formação do eu e identidade; e, desse modo, abrir diálogo entre questões pertinentes aos estudos de gênero e à psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise. Jacques Lacan. Estudos de gênero.

Psychoanalysis and gender: an archaeological journey through seminar 1 about identities

Abstract

Gender studies differ sex, identity, and gender role to the point that it proposes a denaturalization of identities, be they social or even biological. Psychoanalysis has a way to think about these topics, even belonging to another field of studies. Thus, this descriptive-exploratory qualitative study proposes, based on Foucauldian discourse analysis, a way to think on these questions based on Jacques Lacan's work. Lacan's articulations are taken up, mainly in his Seminar 1, to go through a proposal that dialogues body, libido, narcissism, self formation and Identity; and in this way open a dialogue between issues pertinent to gender studies and psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis. Jacques Lacan. Gender Studies.

1 Introdução

Parte integrante dos conteúdos e reflexões fundamentais para uma educação sexual emancipatória, a temática do gênero dialoga com projetos societários voltados para a igualdade de gênero, para o combate da violência contra as mulheres, minorias políticas, e de outras formas de opressão e abuso ligadas a

este tema (FURLANI, 2016). Porém, muitas são as abordagens e pressupostos que podem ser adotados para a definição de gênero, sobretudo neste âmbito.

Um dos precursores em separar o sexo da identidade psicológica (CARVALHO; RABAY, 2015) bem retrata uma dessas abordagens: John Money, psicólogo e pesquisador norte-americano da década de 50, idealizador de pesquisas que resultaram na diferenciação de dois tipos de identidade psicológica que ele atribuiria ao conceito de *gender* (gênero em inglês), a saber, “identidade de gênero (a experiência privada da função de gênero) e de função¹ de gênero (expressão pública da identidade de gênero)” (COSTA, 2020, p.35).

É importante destacar que ao estudar os intersexuais, à sua época identificados como hermafroditas, Money percebe que o sexo biológico que era designado para essas pessoas exercia uma influência importante sobre o papel social que iriam desempenhar, sem que isso muitas vezes resolvesse o problema de como elas se percebiam, ressaltando o conflito entre *como ser visto* e *como ver a si mesmo* passa pelo modo como a identidade se constrói em relação ao corpo e à cultura.

Além de Money, o psicanalista e pesquisador norte-americano da década de 70 que trabalhava com população trans, Robert Stoller, chama a atenção para “o fato de que a identidade de gênero ocorre num movimento que se origina do exterior antes mesmo da existência de um Eu suficientemente formado capaz de desejar algo” (LATTANZIO; RIBEIRO, 2018)².

As pesquisadoras Cortez, Guadenzi e Maskud (2019) enfatizam que Stoller, ao dar continuidade à discussão de Money sobre o aspecto social do gênero, colaborou com o avanço dos debates sobre a desnaturalização do sexo, dando mais espaço para o tema do gênero. Nesse sentido, Judith Butler, filósofa e fundadora da teoria *queer*, ao levantar problemas para a psicanálise, psicologia e sexologia, adota a postura de rejeitar qualquer essencialismo em relação à identidade sexual e pensa o gênero como um conjunto de discursos e de significados culturais atribuídos aos

¹ “Função” e “papel de gênero” são duas possíveis traduções para o que Money chama de *gender rôle*.

² embora a psicanálise lacaniana localize o desejo fora do Eu.

corpos, onde o sexo seria resultado dessa experiência do Eu (BUTLER, 2003). Logo,

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (BUTLER, 2003, p.26).

3

Desse modo, ao enfatizar o aspecto discursivo-interpretativo e, portanto, de significação do gênero pelo Eu, Butler argumenta uma conceituação resultante de uma visão cultural desse fenômeno. Uma das consequências desta argumentação foi a quebra do padrão binário, pois destitui sexo como uma categoria natural da existência humana que estaria limitada à duas possibilidades e o permite ser visto como um produto discursivo e cultural.

A definição de gênero, ainda que em mudança, se atrela à identidade do indivíduo: *como ele se vê* e *como é visto*. Embora esta definição não chegue a um consenso, a crítica sobre a essencialidade do sexo, ou sua determinação sobre a identidade, torna-se uma questão em aberto e que historicamente auxiliou no avanço da construção de direitos das mulheres e da população LGBT (RIOS; CARDOS; DIAS, 2018).

A história também trouxe para a psicanálise essas questões: Sigmund Freud colocou em discussão a normalidade da sexualidade já em seus trabalhos iniciais. Em sua época, muitos sexólogos, psiquiatras e até psicanalistas, defenderam a diferenciação de uma sexualidade normal (heterossexual e genital) de outras, anormais, ditas perversas, resultantes de degenerações neurológicas hereditárias (FREUD, 1996b). A verdade por trás dessa busca de uma causa de uma sexualidade dita perversa já fora denunciada por Freud (1996a), no entanto: interesses morais da civilização consagrados a escamotear e reprimir a sexualidade.

Nesse período de início de século, Freud obteve vitórias e derrotas no debate público, porém, a história continua e outros psicanalistas vieram ao encontro das ideias freudianas em prol de restabelecer um justo lugar à psicanálise e aos ideais freudianos. Jacques Lacan foi um dos psicanalistas que se voltaram para

essa temática (LACAN, 2009a)³. As suas ideias, mesmo que não congruentes com Money, Stoller e Butler, por razões de objeto e campo de estudo, apresentaram noções que parecem permitir um diálogo entre psicanálise e gênero.

Desse modo, em uma articulação que pode ser vista entre o campo do social e o discursivo, Lacan afirma: “Para compreender a ênfase depositada nessas coisas, nesse caso, é preciso nos darmos conta de que o que define o homem é sua relação com a mulher, e vice-versa” (2009b, p.30)⁴.

4

Porém, para avançar na compreensão dessa citação, esse trabalho buscará rearticular um momento anterior do ensino de Lacan (2009b). Ainda muito voltado para os estudos de textos de Freud, Lacan caminha, neste momento, entre a constituição do Eu, da identidade e do narcisismo. Nesta *démarche*, há um esboço e esforço em construir um diálogo entre psicanálise e gênero.

2 Metodologia

De natureza qualitativa de tipo descritivo-exploratória (GIL, 2002) e por meio da análise de discurso foucaultiana (FOUCAULT, 2008), essa pesquisa busca trabalhar aspectos teórico-conceituais para discutir o tema levantado na bibliografia como um recorte do problema de pesquisa delimitado referente à definição de gênero.

3 Resultados e Discussões

São realizados dois tópicos de discussão: o primeiro levanta o percurso lacaniano que permite uma compreensão da citação de Lacan; o segundo oferece um caminho para aproximar a psicanálise dos debates de gênero.

3.1 Percurso lacaniano

³ Abertura do seminário

⁴ Aula II de 20 de janeiro de 1971.

O estágio do espelho é um processo de identificação primordial que permite a constituição do Eu (*je*) a partir da antecipação de uma imagem unificada que pauta todo o domínio motor afetivo e a vida de fantasia do sujeito (LACAN, 2009a⁵). Esse processo ocorre em um momento em que a maturação fisiológica do futuro sujeito não está acabada, de modo que a antecipação, promovida pelo processo primário de identificação, vem cancelar uma estrutura anterior a essa maturação (LACAN, 2009a). Essa cancela ocorre, porém, a partir da confirmação do Outro, encarnado inicialmente pela mãe, que nomeia a criança e confirma a sua inserção no registro simbólico. O que determina se o sujeito verá ou não a imagem é “a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário” (LACAN, 2009a, p.187⁶). Portanto, o simbólico regula a operação imaginária, do mesmo modo que pensar no surgimento do Eu também depende da regulação que será feita pela dimensão simbólica do Grande Outro.

Apresenta-se, então, uma dinâmica que permite situar não só o surgimento do Eu (*je*), como também a função do Outro, primordial nesse processo. Para se apreender a dinâmica existente entre o *je* e o *moi*, ou entre o eu-ideal e o ideal do eu, um contraste interessante é aquele entre o Outro — o simbólico, lugar de articulação das palavras, para onde se dirigem e de onde elas partem — e o outro, como aquele semelhante que se vê na realidade, chamado de pequeno outro (CHEMAMA, 1995).

O *moi* é colocado, então, em relação à personalidade, sendo composto por identificações secundárias, o preenchimento sobre o que o *je* se constituiu (KAUFMANN, 1993). Neste sentido, a identificação primordial da qual o *je* se originou pauta um modelo para as identificações secundárias, doravante sustentadas por esse pequeno outro que reafirma a sua posição. Como Lacan afirmou, “o *ich*-ideal, o ideal do eu, é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária” (2009a, p. 189)⁷.Esse

⁵ Aula XII de 7 de abril de 1954.

⁶ Aula XI de 31 de março de 1954.

⁷ Aula XI de 31 de março de 1954.

ponto, então, se dá em um tempo posterior ao processo de formação do Eu, no qual já há a existência do sujeito e que é, também, posterior à intervenção do Simbólico.

Em firme relação ao outro, esse ideal do eu é o guia do sujeito, um guia que o comanda sem que o saiba, por se encontrar no plano simbólico, e que se encarna através da troca verbal entre os seres humanos (LACAN, 2009a). Ainda, é o ideal do eu que “comanda o jogo de relações de que depende toda a relação à outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária” (LACAN, 2009a, p. 187), mas que esse guia deve se encontrar para além desse plano imaginário, encarnado pela troca verbal, ou seja, ao nível do plano simbólico (LACAN, 2009a).

Esse direcionamento comandado pelo ideal do eu, que se dá inclusive na relação interpessoal, traz algumas articulações acerca do corpo e do outro:

Mannoni nos dizia ontem à noite que, nas relações interpessoais, algo de fictício se introduz sempre, que é a projeção de outrem sobre nós mesmos. Isso se liga sem dúvida ao fato de que nos reconhecemos como corpo na medida em que esses outros, indispensáveis para reconhecer o nosso desejo, têm também um corpo, ou, mais exatamente, que o temos como eles (LACAN, 2009a, p.197)⁸.

Logo, a noção corporal surge da imposição desse outro, através do processo de reconhecimento identificatório que marca o processo relacional desse sujeito com a sua realidade, impondo-lhe uma forma de autorreconhecimento ligada ao que se supõe esperar de si, através da posição simbólica colocada pelo Outro (1998). Retomando seu esquema óptico, Lacan segue dizendo que, “a inclinação do espelho plano é comandada pela voz do outro. Isso não existe ao nível do estádio do espelho, mas é em seguida realizado pela nossa relação com outrem no seu conjunto –a relação simbólica” (LACAN, 2009a, p.187), de modo que esse comando do espelho pela voz do outro é o que permite a estruturação ou não do imaginário no ser humano a partir dessa relação com outrem. Então, essa articulação –que apresenta a ligação simbólica– traz o papel que a relação com outrem tem nesse

⁸ Aula XII de 7 de abril de 1954.

processo de identificação que marca a diferenciação entre os dois narcisismos. E, ainda:

Vocês podem apreender então que a regulação do imaginário depende de algo que está situado de modo transcendente, como diria Sr. Hyppolite— o transcendente no caso não sendo aqui nada mais que a ligação simbólica entre os seres humanos (2009a, p. 187)⁹.

7

A ligação simbólica atribuí aos sujeitos definem-se socialmente por intermédio da lei, através das trocas de símbolos que permitam aos diferentes eus se situarem uns em relação aos outros (LACAN, 2009a). Para além disso, esse narcisismo se apresenta como dois na verdade, sendo o primeiro, situado ao nível da imagem e permitindo a organização do conjunto da realidade em um número determinado de quadros pré-formados; o segundo, sendo a imediata relação com o outro (LACAN, 2009a).

Pois bem, é a relação com o outro que explicita a dinâmica identificatória do *moi* e a relação libidinal existente, onde o ideal do eu é essa relação com o outro. A partir da operação do imaginário o futuro sujeito antecipa a imagem que vê, sendo ele mesmo já resultado de uma antecipação, onde a realidade possui valor em referência à organização libidinal do eu.

Então, a identificação narcísica que constitui o eu permite a diferenciação mais clara entre o *je*, identificação com o Outro, e o *moi*, identificação com o outro, pois:

[...] é a identificação ao outro que, no caso normal, permite ao homem situar com precisão a sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral. Está aí o que lhe permite ver no seu lugar, e estruturar, em função desse lugar e do seu mundo, seu ser (...). Direi exatamente – seu ser libidinal. O sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao *ich-ideal* (LACAN, 2009a, p.169).

Portanto, essa dinâmica existente no processo do narcisismo se dá através do arranjo libidinal que, por intermédio do outro, organiza a “erotização da imagem –

⁹ Aula XI de 31 de março de 1954.

e que anuncia o ingresso no estádio do espelho-, ao transitivismo que ancora a função do eu na relação social -e que anuncia o fim ela experiência” (KAUFMANN, 1993, p. 159) que coloca o ser diante de uma posição simbólica. Assim, se organizam dois tipos de narcisismo, o primário e o secundário, decorrentes do autoerotismo e que culminam na articulação desse simbólico com o imaginário.

De modo que, um narcisismo faz a unidade do sujeito, a partir da relação com a imagem corporal, e pode ser chamada “a fonte imaginária do simbolismo” (LACAN, 2009a, p. 169) que liga o afeto ao corpo. Assim, o surgimento do eu se dá entre as imagens de si (do corpo) e do outro, respectivamente, do primeiro e do segundo narcisismo, ou do *je* (eu-ideal) e do *moi* (ideal-do-eu) (LACAN, 2009a)¹⁰. Essa questão dos dois narcisismos trata da “relação entre a constituição da realidade e o relacionamento com a forma do corpo” (LACAN, 2009, p. 167).

É interessante colocar aqui que “a pulsão libidinal está centrada na função do imaginário” (LACAN, 2009a, p. 165) que envolta nesse dinamismo narcísico tem como função conter a “pluralidade do vivido do indivíduo” (LACAN, 2009a, p.156)¹¹, ou seja, a regulação que o eu desempenha para o psiquismo. Por isso, a dialética colocada, que permite o surgimento do *je* e a manutenção do *moi*, se faz para permitir uma interação entre ser e realidade, portanto, que o sujeito nasce de uma interpretação dessa experiência com a realidade.

3.2 Debate com o gênero

Então, essa noção da diferença entre *je* e *moi* parece introduzir pontos de diálogo entre teoria lacaniana e debates de gênero. Lacan sugere uma “distinção da nossa consciência e do nosso corpo. Esta distinção faz do nosso corpo algo fictício, de que nossa consciência é bem impotente para se destacar, mas de que se concebe (...) como distinta” (LACAN, 2009a, p.196¹²), que abre caminho para pensar a não naturalização do gênero ao sexo biológico, uma vez considerado o corpo construído por meio do imaginário. Vale destacar que a temática do corpo tem

¹⁰ Aula X de 24 de março de 1954.

¹¹ Aula IX de 17 de março de 1954.

¹² Aula XII de 07 de abril de 1954

importância como centro de organização da libido, produção narcísica e das identidades. Desse modo, há uma ênfase que a experiência do corpo se constrói na relação com o outro e não em uma noção biológica dada ao nascimento.

Assim, Lacan sinaliza que as relações de corpo e de identidade, também, passam pela dimensão social do outro, tanto como pela dimensão psíquica imaginária, onde uma estrutura a outra. Assim, é possível questionar como as categorias relativas ao corpo biológico (sexo) e identidades (gênero e de papéis sociais) podem ser definidas.

Esse estudo não abordou a especificidade dos significantes “homem” e “mulher” evocados por Lacan na aula de 20 de janeiro de 1971. Entretanto, em consonância com o entendimento de que esses significantes servem porque funcionam como suporte para identidades que o sujeito assume. Porém, não se deve esquecer que a estrutura do signo, é definida por aquilo que o sujeito significa, o que passa também pelo campo da cultura e da educação e com isso é fundamental considerar os resultados desse percurso junto aos debates de gênero.

4 Considerações finais

Seria o *moi* um caminho limpo para aproximar a psicanálise lacaniana de alguma das definições de gênero? Para além disso, como as definições de gênero levantadas abordam a dimensão de *como se é visto* e como o indivíduo *vê a si*, permitem uma elaboração lacaniana profícua para pensar essas reflexões? Ainda que exploratório, o trabalho tenta levantar um percurso que explicita pela psicanálise alguns problemas congruentes levantados por pesquisadores no campo dos estudos de gênero.

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero** - feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, M. E. P. de; RABAY, G. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional do Brasil. **Rev. Estud. Fem.**, v. 23, p.119-136, 2015.

Disponível: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vgg89zFb8MWp4YHHbXZBTVc>. Acesso em: 27 ago. 2022.

COSTA, G. Considerações psicanalíticas sobre sexualidade e gênero. In: HOLOVKO, C. S.; CORTEZZI, C. M. **Sexualidades e gênero: desafios da psicanálise**. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda, 2020.

CORTEZ; M.; GUADENZI, P.; MASKUD, I. Gênero: percursos e diálogos entre os estudos feministas e biomédicos nas décadas de 1950 a 1970. **Physis**, v. 29, p.1-21, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/p4dXbydkK3jShSKdxxpgpCm/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2022.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula** - Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, S. Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna. In: **ESB**, v.9, 1996a.

FREUD, S. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Conferências XX). In: **ESB**, v.16, 1996b.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009a.

LACAN, J. **Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009b.

LATTANZIO, F. F.; RIBEIRO, P. de C. Nascimento e os primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. **Psic. Clin.**, vol. 30, n.3, p.409-425, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n3/02.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2022.

RIOS, P. P. S.; CARDOSO, H. de M.; DIAS, A. F. Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo *queer*. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.3, n.8, p.98-117, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.25053/redufor.v3i8.272>. Acesso em: 17 out. 2022.

ⁱ **Gabriel Câmara Branco**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9964-7768>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Faculdade de Ciências (FC);
Departamento de Psicologia

Graduando em psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, realiza projeto de iniciação científica (edital pibic 2022-2023). Membro do grupo de estudos e pesquisa em sexualidade educação e cultura (GEPESSEC).

Contribuição de autoria: escrita e pesquisa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1683096232499419>

E-mail: g.branco@unesp.br

ⁱⁱ **George Miguel Thisoteine**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0823-3522>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr); Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual

Psicólogo, formado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Bauru (2018), mestrando em Educação Sexual (Unesp - Araraquara). Membro do grupo de estudos e pesquisa em sexualidade educação e cultura (GEPESSEC).

Contribuição de autoria: escrita e pesquisa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0416487396047401>

E-mail: george.thisoteine@unesp.br

ⁱⁱⁱ **Andre Gellis**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7412-9964>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Faculdade de Ciências (FC);
Departamento de Psicologia

Psicólogo, Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP (1994-2000). Professor Assistente junto ao Departamento de Psicologia da FC, Unesp, campus de Bauru. Atua na Pós-Graduação de Educação Sexual FCLAr da Unesp. Membro do GEPESSEC. Contribuição de autoria: orientação e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7209382563017496>.

E-mail: andre.gellis@unesp.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

BRANCO, Gabriel Câmara; THISOTEINE, George Miguel; GELLIS, Andre.

Psicanálise e gênero: um percurso arqueológico no seminário 1 sobre identidades.

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.